

PIB mostra que a economia não está aquecida

Elevação no primeiro trimestre é de 4,21% sobre igual período de 1996 e queda de 0,56% em relação ao final do ano passado

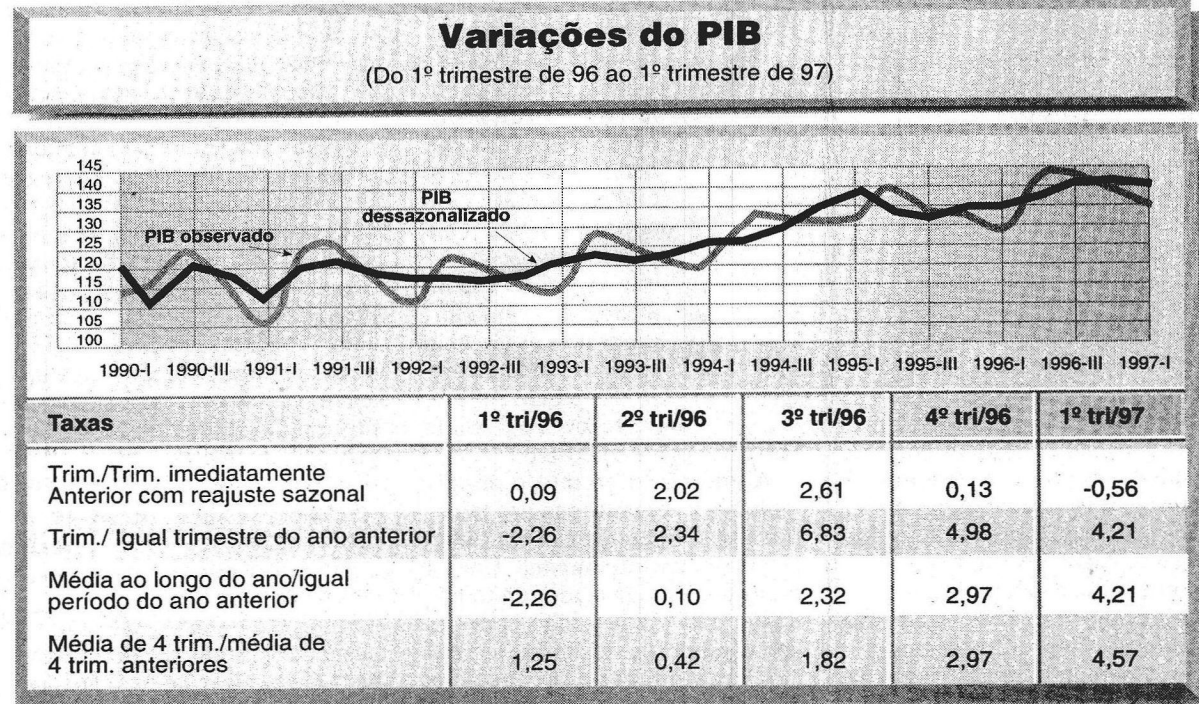
Vera Saavedra Durão
do Rio

A economia brasileira deve continuar crescendo a taxas medíocres – entre 1,5% e 3% – em 1997, afirmou ontem o coordenador de Estudos e Métodos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Roberto Olinto Ramos, ao divulgar o resultado do Produto Interno Bruto (PIB) do primeiro trimestre deste ano. Entre janeiro e março, o PIB brasileiro cresceu 4,21%, em relação ao mesmo período de 1996.

O indicador trimestral apresentou queda de 0,56% ante o último trimestre do ano passado, confirmando os sinais de desaceleração no ritmo da atividade econômica do País no curto prazo. A retração da agricultura (-0,82%) e da indústria (1,18%) puxaram o PIB para baixo, assim como o grupo instituições financeiras, que continuou em queda livre (-1,86%), em razão do aumento do desemprego nos bancos.

Até o PIB de telecomunicações encolheu (-1,33%), o que não acontecia desde 1992. O produto real é medido com base no movimento de impulsos telefônicos, de fax, de computadores e da Internet, medidos pela Telebrás, incluindo também o movimento dos correios. A diminuição do volume de comunicações, entre janeiro e março, indica redução nos negócios.

A expansão do PIB na comparação com janeiro a março do ano



Fonte: IBGE/ DPE/ DECNA

passado foi gerada por um efeito estatístico, já que nos três primeiros meses de 1996 a economia estava em recessão. A taxa anualizada do PIB trimestral fechou em 4,57%, também engordada por uma base de comparação favorável.

Olinto Ramos contou que o significativo endividamento das famílias, diagnosticado pelo aumento da inadimplência e pelo menor crescimento da massa salarial – de apenas 1% no primei-

ro bimestre deste ano – foram responsáveis em grande parte pelo esfriamento da economia no início deste ano.

“Não há nenhum indício de que a economia brasileira esteja aquecida”, assegurou o coordenador de Estudos e Métodos do IBGE. Ele lembrou que, ao contrário da explosão de consumo esperada no início de ano, o que aconteceu, “sem intervenção do governo”, foi um desaquecimento. Ele acredita

que se o governo resolver adotar medidas para frear a economia e reduzir a demanda, por causa do déficit comercial, o PIB de 1997 poderá ficar estável ou até cair.

Na análise do especialista do IBGE, o fato de a balança comercial continuar deficitária, numa conjuntura de ritmo lento de atividade, sinaliza que não há uma correlação tão forte entre balança e crescimento. “Devem existir outros fatores que estão contribuindo

Indicadores do PIB					
(Série com ajuste sazonal)					
Setor de atividade	Taxa trim./trim. imediatamente anterior (%)				
	1996 - I	1996 - II	1996 - III	1996 - IV	1997 - I
PIB	0,09	2,02	2,61	0,13	-0,56
Agropecuário	-1,64	1,12	5,63	0,17	-0,82
Indústria	1,17	2,34	3,44	0,60	-1,18
Serviços	-0,30	2,01	1,03	-0,28	0,06

Fonte: IBGE
Média anual do índice de base fixa do PIB trimestral (1980-1997)

do para ampliar o déficit comercial.” E citou a antecipação de importações no primeiro trimestre – por temor de novas medidas restritivas – como um dos fatores.

Os dados do PIB trimestral do IBGE levarão o governo e várias instituições de pesquisa, como o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e a própria Confederação Nacional da Indústria (CNI), a reverem suas previsões de PIB em 1997. Elas oscilavam entre 4% e 4,5% e agora, certamente, cairão. Olinto Ramos considera esta revisão inevitável.

Para ele, um recente estudo do BNDES, que estimou em 4% o crescimento anual da economia brasileira até o ano 2.002 também deverá ser revisto. Olinto Ramos disse ainda não ver nenhum sinal de que o governo venha a adotar

medidas capazes de expandir a produção de bens e serviços na economia, como redução dos juros e aumento da renda.

“O impacto de uma má performance do crescimento econômico”, alertou, “é o empobrecimento do País e de sua população”. No ano passado, o PIB cresceu 2,97%. Se o PIB crescer 1,5% este ano, na hipótese de os demais trimestres de 1997 reduzirem atividade ou ficarem estáveis, o PIB per capita não crescerá, porque a taxa de expansão demográfica da população brasileira é de 1,27% ao ano. Se a expansão chegar a 3%, em caso de uma melhora da atividade no segundo semestre (com crescimento de 2% no período), a situação melhora um pouco. “Mas essas taxas são medíocres”, disse o especialista do IBGE. O Brasil teria de crescer 7% ao ano para prover sua população de riqueza e emprego.